

Índice

<i>Prefácio</i>	
por Miguel Esteves Cardoso	11
<i>Explicação que não explica quase nada</i>	13
Cebola para todos os olhos	17
Príncipes da gramática	20
História da alma	23
Pequenos sobressaltos	27
Como uma corrente que nos puxa para dentro do mar	31
A arte da fuga	35
As unhas dos cadáveres	38
Xanax em doses duplas	42
Romântico & sensual (como quem mastiga pevides)	46
Sexo na banheira	61
Sexo na mesa da cozinha	64
Glória ao bidé!	68
O bidé na literatura portuguesa	72
A merda do vírus	76
Atchim!	79
Efeito Macbeth	83
O corredor	87
Processos judiciais contra Deus	93
O supositório	96
De chinelos e mangas de camisa	100

Um senhor caralho	104
O pai de todos	109
Xoxota	113
A revolução do clitóris	117
Salazar e os pastéis de nata	127
Ao serviço da maldade	131
A conspiração do chulé	135
O peido-mestre	142
Ai! Que preguiça!	145
O problema do olfacto	149
Café acabado de moer	153
Senhor do seu nariz	157
Boçal & alarve	161
Com a barba na mão	165
Aquele buço	169
Sociologia do cabelo	173
O ano que vem existe?	177
A magia dos espargos	180
O chão é lava	184
O que é um pai?	188
Um hipópotamo no Ritz	192
Gordofobia	210
Tudo é velho onde fomos novos	221
A criança que morou em mim	225
Um perdedor	234
Daqui a 2000 anos	238
Quando as andorinhas voltarem	242

Prefácio

Já tinha lido estas crónicas do João Pedro George. Comprava a Sábado só para poder lê-las. E agora tive de lê-las em PDF, para poder escrever este prefácio. E o livro?

Já não vou ler o livro. Mas estou furioso.

E tenho inveja de quem tem este livro todo para ler. Numa revista, João Pedro George sabe a pouco. Está interrompido. Está cercado. Não tem continuação.

Para mais, o João Pedro George é um escritor de grandes temas e de grandes livros. Conheci-o pelos livros que escreveu, e só muito depois tive a alegria de descobrir que também escrevia na imprensa.

Os grandes temas, que são secretamente eternos, apesar de estarem disfarçados sob a forma de comentários sobre a actualidade, nem sempre são bem recebidos no mundo do jornalismo.

Mas João Pedro George fez um bom trabalho de contrabando. As pessoas querem classificá-lo para poder arrumá-lo na prateleira — é sociólogo, é ensaísta, é biógrafo, é crítico literário — mas ele é vasto, é um escritor imprevisível, cheio de coragem e de inteligência, que acredita mesmo na arte e nas artes, e nos artistas.

Tem um sentido de humor maravilhoso, seco e imoral, que se esconde para ser mais mauzinho ainda. Não se coíbe. Não vai em conversas, não se deixa recrutar. É um espírito livre, em roda livre, a divertir-se com o que pensa, a pensar no que o diverte.

Gostaria de estar dois anos sem lê-lo aos bocadinhos, para ter o prazer de poder ler um livro inteirinho de crónicas dele — mas já sei que não vou ser capaz de resistir.

MIGUEL ESTEVES CARDOSO